

# PERCEPÇÕES DE PESQUISADORES BRASILEIROS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOBRE SUA ÁREA

**Área temática:** Estudos epistemológicos da informação

**Autores:** Carlos Alberto Ávila Araújo, Elizabeth Almeida Rolim, Isabel Marci Gomes  
Marzano Liara Gomes Bitencourt

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: [casal@eci.ufmg.br](mailto:casal@eci.ufmg.br)

## Introdução

Este texto apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com professores e pesquisadores de todas as faculdades de Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) do país, como parte das atividades da disciplina “Teorias da Informação”, do sexto período do curso de Biblioteconomia da UFMG.

A motivação para a realização de uma pesquisa dessa natureza se relaciona com a característica dos estudos contemporâneos sobre a ciência (e sobre as várias disciplinas científicas), que a têm considerado cada vez mais como um “produto social” (GRESSLER, 2003, p. 32), dotada de uma “matriz coletiva” (ALVES, 1987, p. 206). Tal concepção tem levado a uma compreensão cada vez maior de que, tão importante quanto o estudo da ciência do ponto de vista teórico e epistemológico, é o estudo de suas dimensões históricas e sociais, como bem demonstram os estudos de Bourdieu, Foucault, Latour e outros.

Seguindo essa linha de raciocínio é que se acreditou que um trabalho que buscasse as concepções que os professores de Biblioteconomia e CI têm de sua própria área poderia produzir uma reflexão pertinente dentro da disciplina.

Uma vez colocada essa questão, os alunos da disciplina se juntaram para a realização desse trabalho. Optou-se por realizar a pesquisa com os professores de todas as faculdades brasileiras da área de Biblioteconomia e CI. Os alunos foram divididos em grupos e cada grupo ficou com um conjunto de faculdades de um estado ou região. Foram enviados mais de 300 questionários, obtendo-se um retorno de 31, que constituem, assim, o objeto empírico desta pesquisa.

Para a elaboração deste texto, os dados de todos os grupos foram reunidos. Para o trabalho de análise conjunta dos dados, promoveu-se uma divisão das respostas obtidas conforme a região geográfica, de modo a se ter um número semelhante de professores em cada região.

Com essa nova conformação, os grupo de professores apresentados neste texto são os seguintes: grupo 1 Norte e Centro-Oeste (UFPA, UFAM, UnB, UFG, Unirondom, UFMT, IESF), grupo 2 Nordeste e Espírito Santo (UFMA, UFRN, UFPE, UFBA, UFAL, UFES, UFC), grupo 3 Minas Gerais e Rio de Janeiro (PUC-Miinas, Unipac, Unincor, FUOM, UFF, Unirio, USU), grupo 4 São Paulo (PUCCamp, Fainc, Fatea, Fatema, Fesp, USP, Unesp, UFSCar, USP Ribeirão Preto, grupo 5 Santa Catarina e Paraná (UFSC, UEL, UFPR, Única, Udesc) e grupo 6 Rio Grande do Sul (Unijuí, UFSM, FURG, UFRGS). Em cada grupo estão presentes as respostas de cinco professores – sendo a exceção o grupo de Santa Catarina e Paraná, com seis respostas. A UFMG foi excluída da pesquisa, em virtude de já estar sendo estudada por outro grupo de alunos.

O questionário enviado para todos os professores apresenta pontos sobre os quais não existe consenso na área. Primeiramente foram formuladas quatro questões. A primeira, se seria de fato a CI uma ciência social; a segunda, se ela é realmente uma ciência interdisciplinar; a terceira, se ela é uma ciência pós-moderna. Para cada um destes tópicos, cada entrevistado era solicitado a, além de responder se concordava ou discordava, apresentar uma justificativa. Essas justificativas foram depois analisadas, agrupadas em categorias e contabilizadas. Por fim, a quarta questão destinava-se a saber qual a natureza da relação entre a CI e a Biblioteconomia. Também analisou-se as respostas a partir das argumentações dadas pelos professores.

A estas quatro, seguiram-se outras duas questões. A primeira, relativa aos autores mais relevantes da área. A segunda, relativa às obras (incluindo livros, artigos, teses) mais relevantes da área. Optou-se por pedir a cada entrevistado que listasse até dez autores e, a seguir, dez obras, que ele considerasse como relevantes dentro da área de informação.

Para todos os dados coletados e analisados, os grupos produziram relatórios com os somatórios e suas conclusões. Este trabalho apresenta o resultado específico de cada grupo e também um resultado geral em que os resultados de cada grupo são confrontados. Esses resultados são apresentados a seguir, separados conforme os tópicos que constaram da pesquisa.

## **2. A natureza social da CI**

As discussões sobre a natureza social da CI se evidenciaram desde sua origem, embora, segundo vários autores (CAPURRO, 2003; CARDOSO, 1996) tenha sido apenas na década de 1970, com a incorporação de conceitos e temas das ciências sociais e o

desenvolvimento dos estudos de usuários da informação, que a CI tenha efetivamente se tornado uma ciência social. No contexto brasileiro, essa questão é particularmente relevante pois a CI está institucionalmente inserida no âmbito das ciências sociais aplicadas, conforme classificação do CNPq.

Com esse quadro em mente, buscou-se entender como o universo de profissionais pesquisados entendem a CI enquanto ciência social. Encontrou-se em um universo de 31 pesquisados quase uma unanimidade em relação ao aspecto social da CI – 90,3%, isto é, 28 entrevistados, consideram a CI como uma ciência social. Apenas dois não responderam a essa pergunta, e um entrevistado não enxerga a CI como ciência social, e justifica suas razões por ver a CI como “não caracterizando-se como um núcleo bem definido, isto é, com um objeto e uma abordagem metodológica razoavelmente estabelecidas por consenso no interior da respectiva comunidade de pesquisadores. O corpo de conhecimentos e as abordagens metodológicas com que opera é ‘importado’ em grande parte de outros domínios disciplinares”.

A seguir, na TABELA 1, são apresentadas as justificativas dos entrevistados para entender a CI como uma ciência social, agrupadas em categorias explicativas. Os dados são apresentados, ainda, por região.

**TABELA 1**  
**JUSTIFICATIVAS DOS ENTREVISTADOS QUE DISSERAM SER A CI UMA CIÊNCIA SOCIAL**

<b>Categorias de respostas</b>	<b>Grupos</b>						<b>Total</b>
	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	
Possui uma aplicação social	1	3	2	2	4	2	<b>14</b>
Utiliza métodos, teorias e processos das ciências sociais	-	1	2	1	1	-	<b>5</b>
O objeto da CI é social	2	1	1	-	-	-	<b>4</b>
É eminentemente humana e social	1	-	1	-	-	-	<b>2</b>
Sistema social	-	-	-	1	1	1	<b>3</b>
<b>Total.....</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>3</b>	<b>28</b>

A resposta mais freqüente encontrada é a que aponta ser a CI uma ciência social pelo seu impacto social, isto é, porque ela possui uma aplicação no contexto social. Essa categoria se apresentou nas respostas de 15 entrevistados (50% dos que responderam ser a CI uma ciência social) e engloba entendimentos mais específicos como “a CI interfere no processo social”, a CI é “um serviço social”, a CI “satisfaz necessidades humanas e organizacionais”

e a CI “preserva a memória da produção intelectual”, entre outras. Embora presente em todos os grupos, sua incidência mais elevada se dá entre os pesquisadores de Santa Catarina e Paraná, vindo a seguir os do Nordeste.

O segundo tipo de resposta mais freqüente (cinco respostas) se relaciona com as características da CI enquanto ciência. Seus métodos, seus processos, suas teorias ou suas metodologias são típicas das ciências sociais e, por este motivo, a CI é uma ciência social. Um dos entrevistados destacou inclusive que a CI busca sua cientificidade pelo apoio a metodologias das ciências sociais, e outro apontou a existência, na CI, de uma teoria positivista que a aproxima das ciências sociais.

Outro tipo de respostas entende a natureza social da CI pelo seu objeto – a informação é social, está inserida na sociedade e, portanto, a CI é social. Foram quatro os entrevistados que enfatizaram tal aspecto. Por fim, outra resposta encontrada é a que aponta ser a CI eminentemente social, isto é, como uma característica intrínseca, que faz parte da sua natureza, visão esta de dois entrevistados.

### **3. A interdisciplinaridade da CI**

As primeiras definições de CI, ainda na década de 1960, já trazem como componente conceitual da área a idéia da interdisciplinaridade (ROBREDO, 2003; OLIVEIRA, 2005). Esse componente continuou perdurando como elemento definidor do campo, embora isso não tenha se feito sem críticas. Com base nisso buscou-se no universo de pesquisados traçar um paralelo do que os pesquisadores da área pensam a esse respeito. Obteve-se um consenso de 93,5% de opiniões (29 entrevistados) que afirmam ser a CI uma ciência interdisciplinar.

Nesse universo obteve-se duas respostas considerando-se que a CI não tem esse aspecto. Um dos entrevistados argumentou que “a CI necessita de aportes externos para avançar em sua constituição, portanto acredito que a área não seja interdisciplinar, mas que deve ter seu objeto constituído de forma interdisciplinar”. Outro postulou que o discurso da CI é interdisciplinar, “contudo, sua prática carece de galgar ainda muitos patamares para alcançar a tão proclamada interdisciplinaridade”.

Abaixo, na TABELA 2, apresenta-se o somatório das justificativas dadas pelos entrevistados para classificar a CI como uma ciência interdisciplinar e a quantidade de respostas por região.

TABELA 2  
JUSTIFICATIVAS DOS ENTREVISTADOS QUE DISSERAM SER A CI UMA  
CIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

Categorias de respostas	Grupos						Total
	1	2	3	4	5	6	
Conteúdo da CI tem relações com diferentes áreas do conhecimento	4	2	5	5	3	-	19
Outras áreas precisam da CI	1	1	-	-	2	1	5
Possui uma fronteira entre a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade	-	-	-	-	-	2	2
Característica das ciências contemporâneas	-	-	-	1	-	-	1
<b>Total.....</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>27</b>

Entre o conjunto das argumentações dos entrevistados, destaca-se a idéia de que o conteúdo da CI possui relações com outras áreas do conhecimento e que, por isso, a CI seria interdisciplinar. Essa resposta foi dada por 19 entrevistados, o que equivale a 65,5% dos que entendem a CI como interdisciplinar. Nesse sentido, é como se a CI recebesse contribuições de outras áreas, o que caracterizaria uma situação de “abertura” a idéias de outras áreas. Dentro dessa categoria encontra-se ainda a idéia de que, sozinha, a CI não explica o fenômeno da informação – caracterizando-se, portanto, um quadro de necessidade, por parte da CI. Essa argumentação mostrou-se presente, e com frequência significativa, em todas as regiões, exceto entre os pesquisadores do Rio Grande do Sul.

A segunda resposta que obteve maior frequência foi a que entende que outras áreas precisam da CI, isto é, existe uma necessidade do conhecimento da CI por parte das outras ciências. A CI seria interdisciplinar, nesse sentido, por promover uma fertilização das outras áreas. Nesse segundo tipo de respostas estão idéias mais específicas, como a de que toda área precisa do tratamento da informação ou de que a informação perpassa qualquer área do conhecimento.

Por fim, dois entrevistados, ambos do Rio Grande do Sul, apontaram a existência de um processo, da inter para a transdisciplinaridade, na evolução da CI, e um entrevistado relacionou a característica da interdisciplinaridade como um traço típico das ciências contemporâneas.

#### 4. Uma ciência pós-moderna?

A temática da pós-modernidade inseriu-se nos debates sobre a identidade da CI principalmente após um texto de Wersig (1993), que a concebe como uma ciência pós-

moderna, voltada para a solução de problemas causados pelas ciências ditas modernas, na linha do que diversos pensadores, como Santos, Morin e Capra, vêm argumentando a respeito de uma “ciência pós-moderna”.

Em vista disso é que se propôs, para os 31 entrevistados, a questão de ser ou não a CI uma ciência pós-moderna. Um primeiro resultado aponta que a indecisão que marca a discussão sobre a existência ou não de uma pós-modernidade está presente na visão dos pesquisadores da área. Dos 31 entrevistados, três (9,6%) optaram por não apontar uma resposta conclusiva sobre o tema. Dos demais, 20 (64,5%) acreditam que a CI é uma ciência pós-moderna, enquanto oito (25,8%) acreditam que não. As tabelas a seguir apresentam as justificativas dos entrevistados para cada uma das posições:

**TABELA 3**  
**JUSTIFICATIVAS DOS ENTREVISTADOS QUE DISSERAM SER A CI UMA CIÊNCIA PÓS-MODERNA**

<b>Categorias de respostas</b>	<b>Grupos</b>						<b>Total</b>
	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	
CI tem características pós-modernas	1	3	-	1	1	1	<b>7</b>
CI nasce no momento histórico da pós-modernidade	1	1	-	-	1	2	<b>5</b>
CI atende a novas demandas	1	-	1	2	1	-	<b>5</b>
Paradoxo: objeto antigo e ferramentas pós-modernas	1	1	-	1	-	-	<b>3</b>
<b>Total.....</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>20</b>

**TABELA 4**  
**JUSTIFICATIVAS DOS ENTREVISTADOS QUE DISSERAM NÃO SER A CI UMA CIÊNCIA PÓS-MODERNA**

<b>Categorias de respostas</b>	<b>Grupos</b>						<b>Total</b>
	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	
Pós-modernidade é apenas um rótulo	-	-	1	-	-	2	<b>3</b>
Inexistência de fundamento conceitual para a pós-modernidade	-	-	1	-	2	-	<b>3</b>
CI não tem paradigma definido	-	-	1	-	-	-	<b>1</b>
Continuidade de aspectos tradicionais	1	-	-	-	-	-	<b>1</b>
<b>Total.....</b>	<b>1</b>	<b>-</b>	<b>3</b>	<b>-</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>8</b>

Dos 19 entrevistados que acreditam que a CI é, de fato, uma ciência pós-moderna, o maior grupo (sete professores) justificam essa visão por encontrar em sua natureza ou em seu

comportamento elementos da pós-modernidade, tais como sua constituição interdisciplinar, sua vinculação tecnológica (especialmente a recuperação automática da informação), tendo como alvo de trabalho os novos problemas oriundos da explosão informacional.

Outros cinco entrevistados acreditam que a CI é pós-moderna pelo contexto histórico de seu nascimento, a pós-modernidade, também entendida como “sociedade da informação”, tendo como ponto de partida a explosão informacional do pós-guerra.

Um detalhamento mais específico da resposta esteve presente nas justificativas de quatro professores, para os quais a CI se caracteriza ciência pós-moderna por atender a novas demandas existentes na sociedade, especificamente a demanda por informações, numa escala até então inexistente na história da humanidade.

Para outros três entrevistados, a CI pode ser compreendida como pós-moderna por seu caráter paradoxal em trabalhar com um objeto antigo, a informação presente em todas as atividades humanas, por meio da tecnologia, ferramenta pós-moderna. Tal paradoxo pode ser encontrado tanto no arcabouço teórico-paradigmático da CI quanto nos fatores contextuais de seu momento histórico.

Entre os entrevistados que não crêem ser a CI uma ciência pós-moderna, o maior grupo, com três professores, acredita que a pós-modernidade é apenas um rótulo, e chamar a CI de pós-moderna seria apenas utilizar uma nomenclatura diferente para uma mesma ação humana diante do conhecimento. Neste ponto de vista, o trabalho desenvolvido pela CI seria anterior à discussão sobre a pós-modernidade.

Outro grupo, também com três entrevistados, não identificou a CI como pós-moderna por não identificar parâmetros ou fundamentos conceituais consistentes para a questão da pós-modernidade. Assim, se existe uma imprecisão de termos e limites para o conceito de pós-modernidade, não há como caracterizar a CI como pós-moderna.

Por fim, outras duas categorias foram observadas, cada uma enunciada por um professor. Para um destes, a CI não pode ser adequadamente caracterizada por não possuir ainda um paradigma científico definido; para o outro há na CI, na verdade, uma continuidade de aspectos das ciências tradicionais.

Observando-se as diferenciações em relação às regiões geográficas, nota-se que a quantidade de respostas “sim” foi significativa em todos os grupos, com pelo menos três entrevistados (maior no Nordeste e em São Paulo), porém apenas um em Minas Gerais. Naturalmente, neste estado se verificou o maior número de respostas “não”, seguido dos estados do Sul do país.

## 5. A relação entre a CI e a Biblioteconomia

A discussão acerca da relação entre a CI e a Biblioteconomia expressa diferentes visões. Há os que acreditam, como Borko, que a CI é uma ciência pura, campo de pesquisa dos fundamentos da informação, sendo a Biblioteconomia um aspecto aplicado da CI (ROBREDO, 2003, p. 56-57); outros que entendem existir, na verdade, um grande campo denominado “Biblioteconomia e CI”, visão que predomina, entre outros, na denominação de várias faculdades em todo o mundo (DIAS, 2000); e outros, como Saracevic (1996), para quem a Biblioteconomia é apenas um dos campos com os quais a CI realiza diálogos interdisciplinares, juntamente com a Comunicação, a Computação e as Ciências Cognitivas. Para Miksa (1992), ainda que tenham objetivos próximos, são disciplinas orientadas por paradigmas diferentes.

Por este motivo optou-se por incluir na pesquisa um questionamento acerca da natureza da relação entre CI e Biblioteconomia. E a ausência de consenso quanto ao que afinal é a CI e qual sua posição em relação à Biblioteconomia mostrou-se evidente na dificuldade de alguns dos entrevistados em defender claramente uma visão. Vários foram os que mencionaram tratar-se de uma questão ainda mal resolvida. A frequência com que as possíveis relações entre CI e Biblioteconomia se apresentam nas repostas dos pesquisadores consultados é exposta na TABELA 5:

TABELA 5  
CARACTERIZAÇÕES DO RELACIONAMENTO ENTRE A CI E A  
BIBLIOTECONOMIA

Categorias de respostas	Grupos						Total
	1	2	3	4	5	6	
CI é mais ampla e Biblioteconomia é um subcampo	1	1	1	1	1	2	7
Uma é extensão da outra	2	2	1	1	-	1	7
São campos distintos com alguns elementos em comum	1	-	3	1	1	-	6
CI campo teórico e Biblioteconomia prático	1	2	-	1	1	1	6
Não defende ou expressou uma visão	-	-	-	1	2	1	4
São áreas em conflito	-	-	-	-	1	-	1
<b>Total.....</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>5</b>	<b>31</b>

As duas categorias de respostas mais freqüentes, cada uma indicada por sete entrevistados (22,5%) foram a que enxerga a CI como um campo mais amplo e a Biblioteconomia como uma parte dela (portanto, mais restrita) e a visão de que a CI seria uma extensão, uma evolução da Biblioteconomia, dando continuidade a seus métodos e procedimentos. A primeira categoria apareceu em todas as regiões, e a segunda apenas não se fez presente entre os entrevistados de Santa Catarina e Paraná. A distribuição das respostas foi muito uniforme entre as regiões, variando entre um e dois entrevistados.

As duas categorias de respostas que vêm a seguir tiveram freqüência quase semelhante às duas primeiras – seis entrevistados, o que equivale a 19,3% do total. A primeira delas entende que os dois campos são distintos e possuem alguns elementos em comum, resposta verificada em quatro regiões, mas com incidência significativa em Minas Gerais. A outra categoria vê a CI como um campo teórico e a Biblioteconomia como campo prático. Ainda que essa resposta seja muito parecida com a primeira, guarda uma particularidade ao qualificar a natureza dessa relação. Essa resposta também mostrou-se muito presente, constando em cinco das seis regiões.

Quatro entrevistados não defendem uma posição específica, e um deles argumentou que se tratam, na verdade, de áreas em conflito.

Uma análise geral dos resultados mostra que existe ainda muito pouco consenso em relação ao assunto, pois quatro categorias de respostas obtiveram freqüências em torno de 20%.

## **6. Os autores mais relevantes**

Considerando-se a importância da identificação de autores “clássicos” ou fundamentais de uma disciplina científica como um dos critérios mais relevantes no estudo da ciência (ROSSI, 2001), pediu-se aos entrevistados que apontassem até dez autores considerados os mais relevantes da área de CI. Os 31 professores entrevistados apontaram 137 autores, o que aponta uma imensa variedade. Destes, 81 receberam apenas uma citação. Outros 36 receberam apenas duas (21 autores) e três (15 autores) citações. Os autores mais citados (com pelo menos quatro citações) são apresentados na tabela a seguir:

TABELA 6  
AUTORES MAIS CITADOS COMO RELEVANTES NA CI

Autores	Grupos						Total
	1	2	3	4	5	6	
Saracevic	4	1	3	3	2	1	<b>14</b>
Lancaster	2	-	2	2	2	2	<b>10</b>
Borko	3	1	1	1	1	2	<b>9</b>
Pinheiro	3	1	2	2	1	-	<b>9</b>
Barreto	-	3	2	2	2	-	<b>9</b>
Miranda	2	3	1	1	1	-	<b>8</b>
Shera	3	2	1	1	-	1	<b>8</b>
Capurro	1	1	3	2	1	-	<b>8</b>
Le Coadic	2	3	-	2	-	1	<b>8</b>
Robredo	2	1	1	2	1	-	<b>7</b>
Wersig	3	-	2	1	1	-	<b>7</b>
Cunha	1	-	2	1	2	1	<b>7</b>
Meadows	2	3	-	-	1	1	<b>7</b>
Mueller	1	3	2	-	-	-	<b>6</b>
Hjorland	-	-	1	2	1	1	<b>5</b>
González de Gómez	-	-	3	1	1	-	<b>5</b>
Campello	-	-	1	1	1	1	<b>4</b>
Ranganathan	1	-	1	-	1	1	<b>4</b>
Otlet	2	-	-	2	-	-	<b>4</b>
Rowley	1	-	2	-	1	-	<b>4</b>
<b>Total de citações.....</b>	<b>33</b>	<b>21</b>	<b>30</b>	<b>26</b>	<b>20</b>	<b>12</b>	<b>143</b>

O autor mais citado, Saracevic, foi identificado por 14 entrevistados, isto é, 45,1% dos entrevistados, como um dos dez autores mais relevantes da área. Isso significa que aquele autor que foi mais vezes identificado como relevante não o foi nem pela metade dos entrevistados. Logo a seguir aparecem Lancaster, com 10 citações, Borko, Pinheiro e Barreto com 9 citações, cada um deles apontados por menos de um terço (32,2% no caso de Lancaster e 29,03% no caso dos outros três) dos entrevistados.

No total foram registradas 311 citações a autores. Alguns entrevistados não chegaram a apontar dez autores. Outros apontaram mais de dez. Como não havia uma hierarquia entre os autores indicados, optou-se por incluir todos os citados por esses entrevistados. Nesse conjunto de citações, o grau de dispersão foi tão grande que os dez autores mais citados (para uma pergunta que pedia os dez autores mais relevantes) somam apenas 90 citações, o que equivale a 28,9% das citações feitas.

Entre os 20 autores mais citados, destaca-se um predomínio de autores estrangeiros (12), mas também uma significativa presença de autores “nacionais” (sete no total, incluindo

brasileiros e estrangeiros que fizeram a sua carreira no Brasil). Além disso, entre os estrangeiros citados, destacam-se alguns que já estiveram no Brasil para eventos, palestras ou orientações, tais como Saracevic, Lancaster, Capurro, Meadows.

A maior parte dos autores indicados são pesquisadores contemporâneos, isto é, ainda em atividade, embora tenham produção científica relevantes desde a década de 1970. Há poucos autores cuja produção mais relevante tenha se dado nas décadas anteriores, como Borko e Shera. Na ponta de baixo da tabela, isto é, entre os 20 autores mais citados, porém nas últimas posições (18<sup>o</sup> e 19<sup>o</sup>), estão autores “clássicos” como Ranganathan e Otlet.

### **7. As obras mais relevantes**

Por fim, pediu-se aos professores que apontassem, também, dez obras (livros, artigos, teses, trabalhos apresentados em congressos) que julgassem ser relevantes para o campo. Eles entrevistados realizaram no total 239 citações, perfazendo 169 obras, sendo que seis entrevistados não fizeram qualquer citação. Com menos de quatro citações tem-se um total de 159 obras, ou seja, 94% do total de obras que receberam alguma citação (169), percebendo-se assim a diversidade das obras citadas. Essas obras obtiveram as seguintes frequências: 137 obras com apenas uma citação, 19 obras com duas, e três obras com três citações.

Já entre as obras mais citadas, apresentadas a seguir na TABELA 7, estão cinco com 4 citações, uma obra com 5 citações, uma com 6, duas obras com 7 e, enfim, a obra de Tefko Saracevic, “Ciência da informação: origem, evolução e relações”, que foi a mais citada, com 10 citações:

TABELA 7  
OBRAS MAIS CITADAS COMO RELEVANTES NA CI

Obras	Autores	Grupos						Total
		1	2	3	4	5	6	
Ciência da informação: origem, evolução e relações	Saracevic	4	1	3	1	-	1	10
La Science de l'information	Le Coadic	2	2	-	2	1	-	7
Information science: the study of postmodern knowledge usage management	Wersig	3	1	1	2	-	-	7
Information science: what is it?	Borko	3	2	-	-	-	1	6
Communicating research	Meadows	2	2	1	-	-	-	5
Traité de documentation	Otlet	2	-	-	2	-	-	4
Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade	Pinheiro	1	1	1	-	-	1	4
Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação	Robredo	1	1	-	2	-	-	4
Interdisciplinary nature of information science	Saracevic	1	-	-	2	-	1	4
History and foundations of information science	Shera	2	1	-	-	-	1	4
<b>Total de citações.....</b>		<b>21</b>	<b>11</b>	<b>6</b>	<b>11</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>55</b>

Entre as dez obras mais citadas encontram-se oito estrangeiras e apenas duas brasileiras. O período da publicação das obras é bastante diversificado, havendo uma da década de 1930, uma da década de 1960, duas da década de 1970, cinco da década de 1990 e uma da década atual. Há, portanto, nas indicações, uma mistura de obras que já poderiam ser identificadas como “clássicas” e outras contemporâneas.

Em relação aos assuntos, predominam aquelas obras com objetivo de discutir de forma conceitual e histórica a CI, devendo-se destacar a presença de uma obra dedicada a um subcampo da CI, a comunicação científica (Meadows), e outra cuja publicação é anterior ao surgimento da CI (Otlet).

Comparando-se a lista das dez obras mais citadas com os dez autores mais citados, evidencia-se grande complementaridade. Saracevic, o autor mais citado, tem duas obras apontadas como relevantes. Dos demais autores, Borko, Pinheiro, Shera, Le Coadic e Robredo também têm trabalhos citados entre os dez mais relevantes. Já autores como Lancaster, Miranda, Capurro e Barreto, embora com frequência elevada na categoria “autores”, não obtiveram trabalhos com mais de quatro citações.

## **8. Apontamentos finais**

O objetivo da pesquisa apresentada neste texto é promover um mapa de como certas questões relativas à CI são compreendidas pelos pesquisadores da área, em todo o país. Ainda que o total de respostas recebidas esteja bem aquém do universo de pesquisadores da área, pôde-se perceber que o conjunto dos dados encontrados é muito rico e pode proporcionar ainda um detalhamento que não cabe nos limites deste texto. Além do somatório geral das respostas, que permite traçar um mapa destas questões conforme a concepção dos professores das várias regiões e estados do Brasil, há ainda a riqueza das respostas dadas e das argumentações utilizadas.

Além disso, as diferenças entre as respostas dadas pelos entrevistados, naturalmente, não variam apenas em relação às regiões geográficas onde estes atuam. Sabe-se, em relação à CI, que grande parte dos pesquisadores são provenientes de outras áreas. Assim, as áreas de origem ou de titulação de cada entrevistado com certeza têm um peso fundamental nas respostas dadas, bem como a época de formação acadêmica, a filiação teórica, as temáticas de pesquisa e o pertencimento a grupos de pesquisa, entre outros fatores. Os pesos destes fatores se entrecortam e sua análise mais detida poderia proporcionar ainda novas e ricas leituras dos dados encontrados, o que significa dizer que há ainda possibilidades não exploradas de trabalho com os dados obtidos.

Os dados analisados ao longo do trabalho mostraram questões sobre as quais existe uma concordância maior (dos 31 entrevistados, 28 acreditam ser a CI uma ciência social, e 29 acreditam que ela seja uma ciência interdisciplinar) e outras sobre as quais há grandes discordâncias (como no caso de ser uma ciência pós-moderna, com a qual 19 concordam e 8 discordam, ou a respeito da relação entre a Biblioteconomia e a CI). Em todas elas, contudo, pôde-se perceber entendimentos muito discrepantes sobre o significado das categorias perguntadas (sobre o que significa ser uma ciência social, ou sobre o conceito de interdisciplinaridade), questão que, aliás, foi ressaltada por vários entrevistados. Tratam-se de questões mal resolvidas da área como um todo.

Parte da resposta a isso se deve ao seu pouco tempo de existência. Isso se evidencia de forma muito clara quando se observa o resultado das questões que solicitavam a indicação de autores e obras relevantes. Ao contrário de ciências bem consolidadas, nas quais há grande consenso sobre os “clássicos”, os fundadores, as obras fundamentais, na CI a dispersão é gigantesca: há casos em que entre os dez autores listados por um professor não

havia um coincidente com a lista de dez de outro professor, mesmo quando ambos pertenciam a uma mesma instituição.

Este trabalho levanta uma série de questões essenciais para a área e, ao promover um mapeamento das compreensões sobre essas questões, pretende contribuir na consolidação da área de CI no Brasil, tarefa que, para ser executada, terá de passar, certamente, pela consideração dos aspectos humanos envolvidos, isto é, das compreensões específicas daqueles que vêm atuando na área e, com essa atuação, construindo-a da maneira como ela existe hoje.

## Referências

- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003. 1 CD-ROM.
- CARDOSO, Ana Maria. Pós-Modernidade e informação: conceitos complementares? **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 1 n. 1, p. 63-79, jan/jul. 1996.
- DIAS, Eduardo. Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 11-15, jan./jun. 2000.
- GRESSLER, Lori. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2003.
- MIKSA, Francis. Library and information science: two paradigms. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (eds). **Conceptions of library and information science**: historical, empirical and theoretical perspectives. Londres, Los Angeles: Taylor Graham, 1992, p. 229-252.
- OLIVEIRA, Marlene (Org.). **Ciência da informação e biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus; SSR Information, 2003.
- ROSSI, Paolo. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Bauru: Edusc, 2001.
- SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.